

PARANÁ PLANTATIONS: A PRESENÇA DO INVESTIMENTO BRITÂNICO NA OCUPAÇÃO DO NORTE DO PARANÁ

Rosymara Amélia Eduardo da Costa (PIBIC/Fundação Araucária), Roberto Bondarik (Orientador), e-mail: bondarik@utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) / Coordenação de Mecânica (COMEC) / Grupo de Disciplinas de Estudos Sociais.

História – História do Brasil

Palavras-chave: Paraná Plantations; Norte do Paraná; História do Paraná.

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo estudar a ação de investidores britânicos no Norte do Paraná durante a primeira metade do século XX. Os britânicos criaram companhias como a Ferrovia São Paulo Paraná e a Companhia de Terras Norte do Paraná. A primeira delas impulsionou indiretamente a colonização da parte setentrional do Norte Pioneiro e a segunda vendeu as terras situadas a oeste do Rio Tibagi, tendo por início Londrina. A CTNP criou as condições logísticas e de infraestrutura que permitiram a ocupação, colonização e inserção econômica do Norte do Paraná no cenário brasileiro do século XX, região onde surgiram cidades como Londrina e Apucarana. A CTNP foi adquirida por brasileiros ao final da segunda Guerra e transformada na Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e colonizou Maringá. Procedeu-se ao estudo das fontes consideradas em sua natureza serial englobando documentação de natureza hemerográfica e bibliográfica, observadas por meio da micro-história, possibilitando sua análise de discurso, narrativa e conteúdo entre outras, destacando seu aspecto cultural. Pretendeu-se a consecução desta pesquisa nos domínios da História do Brasil e do Paraná.

Introdução

A região Norte do Estado do Paraná compreendida pelas terras à Oeste do Rio Tibagi, foi efetivamente incorporada ao cenário produtivo nacional a partir das décadas de 1920 e 1930. Fruto de um grande investimento imobiliário no qual se faziam presentes investi-

dores brasileiro mas principalmente britânicos [1].

A venda das terras e o estabelecimento das condições logísticas e de infraestrutura necessárias para a efetiva ocupação e plena exploração econômica somente foram efetivados com investimento e a presença do capital financeiro britânico. Os empresários britâni-

cos conduziam projetos semelhantes em diversas partes do mundo, investindo em mineração, agricultura e logística. Empreendimentos que haviam caracterizado o período vitoriano daquele país [2].

Este estudo teve por objetivo principal dele conhecer e compreender a presença do capital britânico na ocupação e colonização do Norte do Paraná. Para tanto focaram-se as atenções na Companhia denominada *Paraná Plantations* que foi a captadora de recursos e a financiadora da Companhia de Terras Norte do Paraná CTNP.

Desenvolvimento

A *Paraná Plantations* surgiu em 1925 quando a *Brazil Plantations* resolveu criar duas empresas para executar um plano imobiliário. A *Paraná Plantations* era sediada em Londres e a Companhia de Terras Norte do Paraná tinha sede em São Paulo, que tinha planos colonizadores e imobiliários, todos cumpridos com rara habilidade. A *Paraná Plantation* teve como acionistas os mesmos ingleses da *Brazil Plantations* [3].

Mas antes de se criar a *Paraná Plantations*, a *Brazil Plantations* tinha passado por prejuízos na tentativa de plantar algodão nas fazendas Guatambi (em Birigui), Santa Emília e Caiuá (em Salto Grande), bem como

uma usina de beneficiamento de algodão em Bernardino de Campos de São Paulo. Os prejuízos aconteceram devido à queda dos preços no mercado internacional, à qualidade das sementes e também aos problemas resultantes do movimento paulista de julho de 1924 [3].

Então para tentar ressarcir dos prejuízos foram criadas a *Paraná Plantations* e a Companhia de Terras do Norte do Paraná. O projeto da CTNP não visava apenas ao projeto imobiliário, que pelas informações que possuíam, seria bastante lucrativo. Os ingleses também queriam uma ferrovia, pois nesta área, tinha muita experiência em todo o mundo [4].

Neste período muitos núcleos urbanos foram surgindo ainda a leste do Tibagi, no Nordeste de estado, como Jundiá do Sul em 1917, Bandeirantes em 1921, Santa Mariana em 1922, Cornélio Procópio e Ribeirão do Pinhal em 1924, Andirá em 1927. A companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) desenvolveu suas atividades durante este período (conhecido como fase inglesa) e desde o início fez intensa propaganda no Brasil e no exterior onde elaborou a um discurso que reforça aquele sobre as maravilhas da região, do progresso e da riqueza ali existente, visando antes tudo trazer compradores para as

terras que havia adquirido até então [5].

Além da propaganda, instrumento eficaz para a disseminação de seu produto e de suas idéias, a CTNP colocou, principalmente, em vários pontos de São Paulo e Minas Gerais, como também no Paraná, agentes/vendedores de terras que, com material publicitário e com pré-contratados, procuravam atrair compradores [5].

Se levarmos em conta que a CTNP já havia vendido milhares de “datas” urbanas em vários núcleos urbanos que havia fundado, pode-se ter uma idéia de quanto a CTNP conseguiu lucrar no conjunto de suas atividades. Tinha como principais personagens Lord Lovat, Arthur Thomas, João Sampaio, empresários e investidores britânicos, funcionários brasileiros da companhia [6].

E teve como destaque a construção da Ferrovia São Paulo Paraná, com o objetivo original de estender-se até a cidade de Assunção, capital do Paraguai, a fundação de Londrina e a construção da ponte ferroviária de Jataizinho cruzando o rio Tibagi [1].

Materiais e métodos

Considerando-se que a observação do passado se dá por meio de fontes, a natureza dessas

influencia, portanto a forma como são analisadas. Barros (2005) [5] considera a historia serial por utilizar-se de fontes que apresentem certa homogeneidade e sejam abertas as possibilidade de quantificação e serialização de seus dados e informações. Em relação ao capital financeiro, investimentos e empresas presentes no Norte do Paraná, há que se destacar que suas fontes se constituem de cartas, memorandos, relatórios, produção hemerográfica, trabalhos acadêmicos além da literatura memorialística.

Na perspectiva da micro-história a análise das fontes e das informações é quase que individual, baseando-se no estudo intenso, microscópico das fontes documentais. Fontes semelhantes àquelas que elencamos, permitindo que se compreenda os discursos que foram elaborados, suas motivações, a ação social que se desencadeou, suas influências, cenários e variáveis que poderiam ter modificado aquela realidade (LEVI, 1992) [5].

Resultados e Discussão

A presença britânica fez com a construção da Ferrovia São Paulo – Paraná fosse efetivada. Além de Londrina, todo o território as margens da estrada de ferro foi então rapidamente vendido proporcionando o surgimento e o

consequente desenvolvimento de toda região subjacente. Surgiram as cidades de Andirá, Bandeirantes, Santa Mariana, Cornélio Procópio e Urai além de diversas povoações contando-se apenas aquelas situadas no Norte Pioneiro do Paraná. Na região Norte, situada a Oeste do Rio Tibagi a participação dos britânicos foi mais intensa com a ação da Companhia de Terras Norte do Paraná que vendeu as terras e criou as condições de infraestrutura necessárias a ocupação e colonização.

A vasta área entre Londrina e Cianorte foi loteada e vendida a milhares de colonos até pelo menos o fim da Segunda Guerra quando a CTNP foi vendida à empresários brasileiros e deu origem a Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, responsável pela colonização da região de Maringá.

Referências

- [1] WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 6ª ed. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1988;
- [2] HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Impérios (1875-1914)**. 8ª Edição. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003
- [3] WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Norte Velho, Norte Pioneiro**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1987;
- [4] ALEGRO, Regina Célia (ORG). **Temas e Questões para o ensino de História do Paraná**. Londrina: EDUEL, 2008;
- [5] TOMAZI, Nelson Dácio. **Norte do Paraná: histórias e fantasmagorias**. Curitiba: Aos Quatro ventos, 2000;
- [6] JOFFILY, José. **Londres – Londrina**. Rio de Janeiro: Londrina: Paz e Terra, 1985;
- [7] BARROS, José D'Assunção. **O Campo Histórico**: considerações sobre as especialidades na historiografia contemporânea. In: História Unisinos, Setembro/Dezembro, 2005, pp.230-239;
- [8] LEVI, Giovanni . **Sobre a Micro-História**. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1992, p.133-161;